

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



## Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobrearte-visual

Editor/Autor: Professor Doutor Isaac A. Camargo

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Reflexões Vol.3, No.10, maio 2022 – AFROBRASIL e a Falácia da Abolição.

Periodicidade: quinzenal

Capa: Capa: Black Power - Mão Negra, sem data e autoria.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com

## **APRESENTAÇÃO**

A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

13 de maio de 1888 é a data que a Princesa Regente Isabel edita a "Lei Áurea" e proclama o fim da escravatura no Brasil. O Brasil foi último país das Américas a aboli-la. Durante os 350 anos que durou foi o destino de 4,5 milhões de africanos, sendo o maior território escravagista do Ocidente, marca insuperável em qualquer contexto. Esta marca não deixou de produzir efeitos deletérios na história brasileira que ainda hoje revelam seus danos. Tomar este tema é uma tentativa de refletir sobre esta questão no contexto da Arte Visual como um estímulo e ponte de transposição para outras análises mais especializadas no tema da escravidão.

Embora a libertação dos escravos tenha sido um ato digno e humanitário, não foi um ato de integração daquelas pessoas à cidadania. Obviamente, sempre que se olha para trás, para os processos históricos de conquistas e "desenvolvimento", percebe-se quanto a humanidade é perversa e quanto é capaz de submeter seus semelhantes a repressão, exploração, humilhação e maus tratos. Não apenas físicos, mas também mentais e sociais. Por isto tomei este tema sob dois aspectos: o AfroBrasil, marcado pela presença negra na Arte Visual e a Abolição como um processo parcial ou falacioso de libertação.



Pedro Américo, "*Libertação dos Escravos*", 1889. https://pt.wikipedia.org/wiki/A\_liberta%C3%A7%C3%A3o\_dos\_escravos\_(Pedro\_Am%C3%A9rico)

Um ano depois da "abolição", 1889, Pedro Américo pinta "Libertação dos Escravos", a obra faz parte do Acervo Artístico-Cultural do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. É uma Alegoria que mostra, na área central e na base da cena, uma figura feminina representando a Liberdade que quebra as correntes da escravatura diante de dois escravos suplicantes e uma criança, a figura à esquerda da cena caída representa a escravidão, mostrada como um anjo negro ou demônio abatido. A visão gloriosa é comum nas representações Clássicas e Neoclássicas típicas das pinturas epopeicas.

A ideia de consolidar uma "Lição Moral" e ética era comum neste tipo de Alegoria. Pedro Américo, foi um pintor muito requisitado para a produção de obras públicas, ou seja, homenagens, cenas históricas e comemorativas. O mercado de Arte Visual, até o século XIX, dependia em grande parte de encomendas e as encomendas públicas eram as mais desejadas pelos valores pagos como também pela visibilidade que os artistas adquiriam por meio de tais obras. Embora Pedro Américo fosse um entusiasta e defensor da causa abolicionista, esta obra quer relacionar dois momentos: a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República.

Quando se olha para as primeiras imagens produzidas sobre o Brasil, é possível encontrar várias figurações, entre elas, constata-se a presença negra mais evidente do que as demais etnias, daí o tema escolhido para esta Reflexão: AfroBrasil. Olhando para trás, para as obras que surgiram na "pósdescoberta", da "Tomada de Posse" ou invasão desenvolvida por meio da ocupação territorial das américas pelas nações europeias, encontram-se algumas imagens que mostram esta presença. Digo algumas pois os documentos, relatos, cartas, diários ou narrativas feitas por viajantes e exploradores que por aqui se aventuraram são mais presentes.

Primeiro é necessário refletir à respeito do imaginário desenvolvido sobre o Brasil, pelos estrangeiros que aqui aportaram. Tomando por referência as obras de artistas que passaram por aqui, para cá vieram e como, ao olhar para o entorno, construíam, reconstruíam ou ressignificavam o que viram, mas do modo como viam. Pode-se dizer que o que viam era interpretado pelos seus filtros culturais, portanto, um olhar impregnado de suas origens, convicções, valores sociais, políticos e estéticos, um olhar contaminado. Assim o que viam nem sempre correspondia literalmente ao que davam a ver.

De modo geral, pode-se dizer que boa parte das imagens criadas sobre as américas eram recheadas de fantasia, magia e suposições. Contudo o interesse sobre os territórios americanos pode ser observado sob dois aspectos: um mais pragmático, que buscava identificar potenciais econômicos e mercantis justificando a exploração de tais territórios, independente de quem fosse, outro diz respeito à curiosidade sobre o exotismo e características geofísicas, dado o desconhecimento destes territórios. Embora os tratados europeus atribuíssem a Espanha e Portugal o domínio deles, várias invasões o contradiziam.

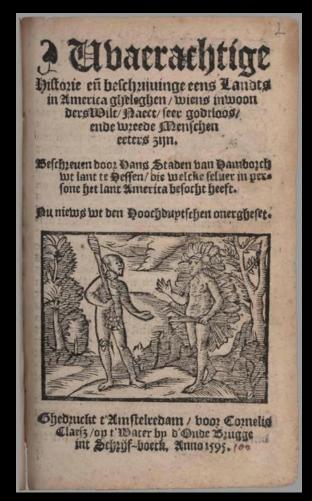
Holandesas, francesas e inglesas, entre outras, deixaram bem claro que quem dominasse levava. Ao mesmo tempo, várias expedições exploratórias financiadas por vários países europeus e pela iniciativa privada, revelavam tais interesses. Estas expedições eram compostas de vários profissionais, entre eles geógrafos, biólogos, documentaristas e artistas que se dedicavam à documentação visual criando imagens que dariam veracidade ao que se dizia, neste caso, tais imagens decorriam da necessidade de informar algo a alguém, embora, em alguns casos aproveitavam para obter material para publicações editoriais.

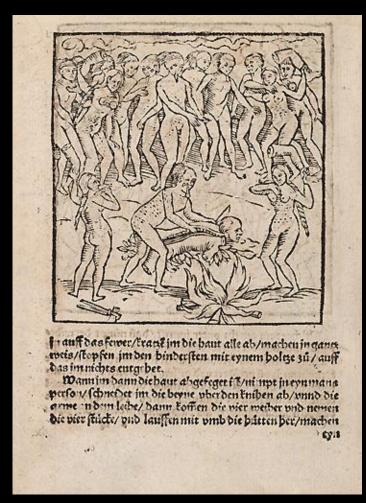
Assim, tais imagens, acabavam sendo usadas para dar origem a publicações no mercado editorial europeu que investia no exotismo e na curiosidade sobre o Novo Mundo, nem sempre entendido como o lugar de outras culturas, mas sim como um lugar inóspito, sem deus e sem lei onde tudo se podia. Os habitantes originais das colônias não eram entendidos como iguais, mas passíveis de serem transformados em ferramentas, escravizados e usados ou descartados se necessário. Isto promoveu um dos maiores genocídios de populações nativas e o desterro de mais de 12 milhões de africanos, fatos pouco reconhecidos e esquecidos.

De modo geral o "Projeto Colonizador" realizado pelas casas europeias sobre os territórios que lhes cabia, pelas convenções celebradas entre suas potências coloniais, as "autorizavam" a tomar e a domar tais territórios em nome de reis, de deus ou de "leis" por eles criadas que justificavam invasões, escravização e extermínio. O conceito de "invasão" não faz parte da leitura dominante, mas sim o de "descoberta, conquista ou desbravamento" o que significa eliminar ameaças que impedissem a ocupação e apropriação, mesmo que para isto fosse preciso dizimar nações inteiras, os crimes contra a humanidade merecem punição e não esquecimento.

Bem, entre idas e vindas coloniais, vieram também vários artistas documentaristas que observavam o ambiente, a paisagem e os componentes da flora, fauna, os nativos e a geografia. Obviamente tais imagens se destinavam a informar os financiadores ou promotores de tais expedições além mar e com isto avaliar se valia a pena ou não investir, em ocupar, explorar ou colonizar tais territórios. Deve-se ter sempre em vista que tais explorações visavam identificar riquezas como jazidas preciosas para mineração e potenciais produtos mercantilizáveis na Europa como foi o Pau Brasil.

A primeira viagem ao continente americano foi relatada por Hans Staden em seu livro intitulado: "História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão", também conhecido pelo nome "Duas Viagens ao Brasil", foi publicado em Marburg, na Alemanha, por Andres Colben em 1557.









Capa do livro e ilustrações. Foram produzidas várias edições, pelo sucesso editorial devido às suas ilustrações de animais e plantas, além de descrições de rituais antropofágicos e costumes exóticos nele descritos, o que ajudou a formar a imagem que se construiu sobre os trópicos naquele período. O llustrador foi Théodore de Bry, desenhista, gravurista, ourives e editor famoso por suas representações das primeiras expedições europeias às Américas.





Jean de Léry e André Thévet também publicaram obras ilustradas que ajudaram a constituir o imaginário que se formou sobre as Américas e o Brasil. Acima *L'Americ*, de Léry, 1578, e *Criptídio* de Thévet, 1557.

Dentre os viajantes, com exceção daqueles que viam o território apenas como uma fonte de fantasias, dando margem às diversas interpretações místicas promovidas pelos editores europeus para vender sua produção livresca. Alguns deles olhavam para os tipos humanos encontrados no território, vegetação típica, cenas de ambientes naturais e urbanas. Entre eles Albert Eckhout, holandês, (1610-1666), suas obras fizeram parte do que chamou de Brasil Holandês, integrando a comitiva de Maurício de Nassau, registrando o que considerava relevante em sua passagem pelo território.













Albert Eckhout: Esquerda - Mulher negra de origem Banto, com seu filho. Ao centro - Guerreiro Africano, do Quilombo dos Palmares, 1641, acima à direita Dom Miguel de Castro, Emissário do Congo, ao lado, mercador de escravos de Recife, 1645, abaixo dois servos de Dom Miguel de Castro, 1640. Este conjunto de imagens mostra a presença negra no Brasil Colônia.

Os chamados "Artistas Viajantes", que por aqui passaram tomaram cenas do ambiente natural e urbano.

São obras de artistas estrangeiros cujas cenas, em geral bucólicas, ao serem tomadas revelaram a presença da etnia negra nestas imagens.

Considero que este é um aspecto importante para compreender tanto a presença quanto as condições desta etnia no Brasil Colonial, pois sem os referenciais geográficos registrados nas obras e a presença marcante da etnia negra poderia dar a impressão de que tais cenas teriam ocorrido na África e não no Brasil colonial.

O artista que mais revela esta aspecto é Frans Post (1612-1680). Um dos primeiros artistas a pintar as paisagens do Brasil.

Veio para cá integrando a comitiva de Maurício de Nassau, governador-geral do Brasil Holandês, de 1637.

Grande Paisagista, Frans Post é habilitado para documentar topografia, arquitetura militar e civil, cenas de batalhas navais e terrestres.

Estes dotes o tornam um dos primeiros artistas a tratar da paisagem deste país. Embora a trate do modo tradicional europeu e pouco envolvido nas cores locais.



Frans Post, Igreja de São Cosme e São Damião em Igaraçu, meados do século 17. Se dedica a uma visão mais paisagística, focado nas construções urbanas.



Ao observarmos "de perto" o grupo de pessoas que compõem o primeiro plano da cena, percebe-se a presença negra em maioria com na relação à branca.



Frans Post, Paisagem brasileira, 1656.



O mesmo pode ser dito desta imagem pois "de perto" o grupo de pessoas que compõem o primeiro plano da cena, mostra a presença da etnia negra como predominante.





Frans Post, Paisagem de Pernambuco com Casa Grande, 1665. Aqui também a predominância dos personagens também é negra e isto se repete em várias outras imagens:



Frans Post, Paisagem com casa alpendrada.



Frans Post, Paisagem.



Frans Post, Capela com Pórtico.



Frans Post, Claustro Franciscano de Igaraçú.



Frans Post, Vista dos arredores de Porto Calvo.



Frans Post, Carro de boi, 1638.

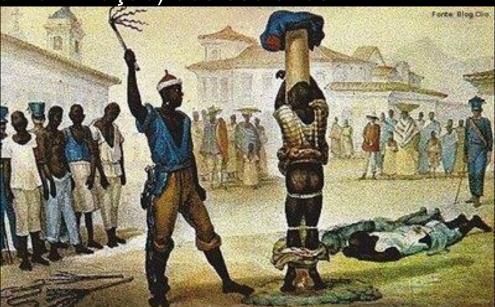
Embora a presença negra tenha sido historicamente a segunda maior população, no período colonial, foi apagada ou simplesmente ignorada. Naquele período ela compunha a maior parte da força de trabalho. Os senhores detinham o poder sobre o território, os bens e meios de produção, mas dependiam de mão de obra. O fracasso das tentativas de transformar os indígenas em mão de obra escrava levou os colonizadores a recorrerem ao comércio escravagista internacional a partir do mercado europeu dominado principalmente por Portugal e Inglaterra que ocupavam algumas regiões da África.

Hoje em dia a população afrodescendente é a maior do país, mas também é a que mais sofre repressão, assédio, preconceito racial, sociocultural e econômico. Segundo o IBGE, 64,2% desta população é constituída de trabalhadores desocupados e 66,1% subutilizados e 60,0% da população carcerária. https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/20

19/11/20/consciencia-negra-numerosbrasil/).

Dados vergonhosos como estes são resultado do processo de colonização exploratório e escravagista adotado desde os primeiros tempos no país.

Basta olhar o que as imagens revelam de como esta presença é percebida no contexto colonial. Jean-Baptiste Debret (1768-1848), pintor histórico faz um documentário das características e condições do ambiente e das pessoas por meio de narrativas e descrições de eventos do cotidiano da colônia entre 1817-1831, período que aqui permaneceu após sua vinda com a Missão Artística Francesa. Suas obras mostram a vida (ou a humilhação) dos escravos:









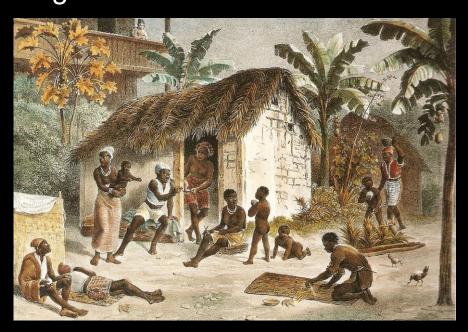




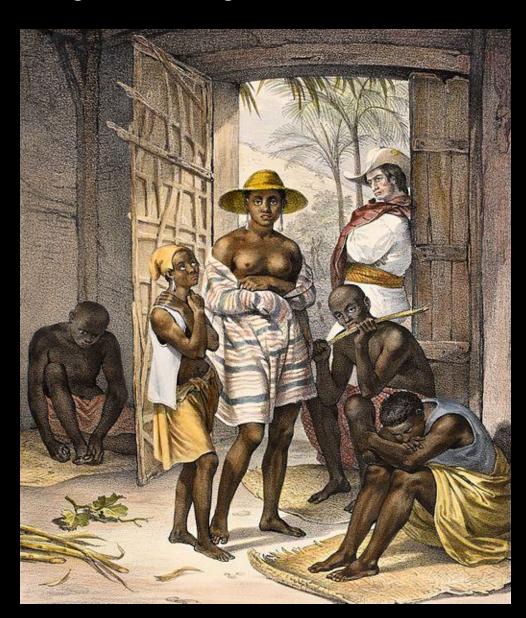


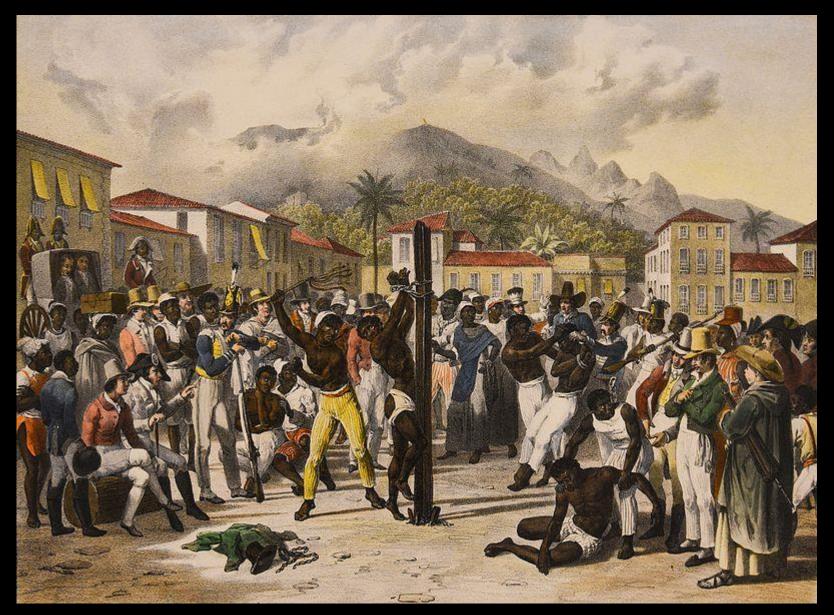
A vida urbana no Rio de Janeiro, também é retratada por Debret.

Johann Moritz Rugendas (1802-1858). Em 1821, vem ao Brasil com a expedição do Barão Georg Heinrich von Langsdorff e, em 1835, publica em Paris, seu trabalho: *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, no qual retrata cenas do Brasil Colonial. Como "Habitação de Negros":

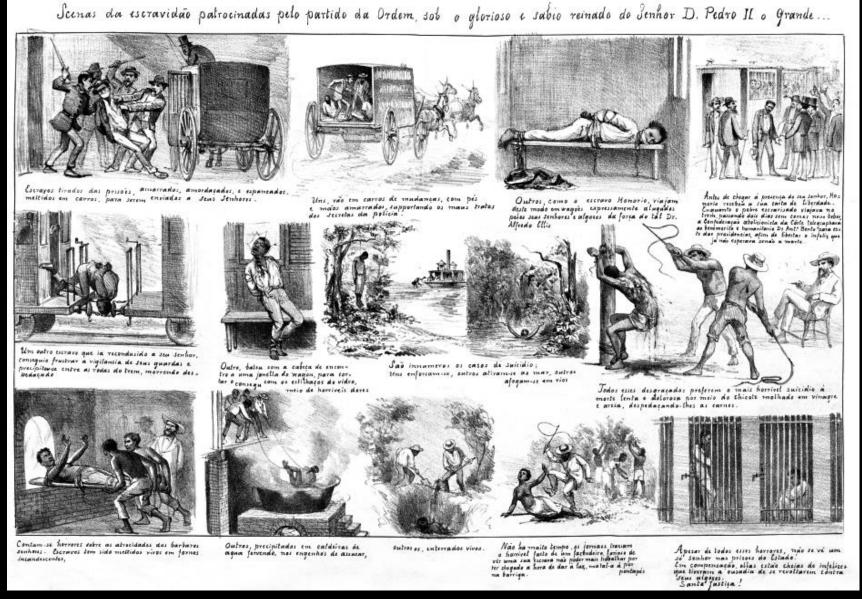


Rugendas, Negros novos, 1835.





Não faltando as habituais cenas de punição pública infligida aos negros escravos. Rugendas, 1827-35.



Cenas de maus tratos relacionadas à escravidão, desenhadas pelo cartunista italiano Angelo Agostini, defensor da causa dos escravos, publicadas em 1886.





Rugendas, dança do batuque, 1835.

Rugendas, Roda de Capoeira.



Rugendas, Festa de Sta. Rosália, 1827-35.

## Porque *Falácia* da Abolição?

A ideia de falácia implica em engano, em algo que não é verdadeiro mas dá a impressão de ser. Historicamente os textos desenvolvidos sobre a questão da escravatura e da libertação dos escravos no país são quase que unânimes em dizer que embora a Abolição fosse determinada por um decreto imperial, a libertação, de fato, não ocorreu. Explico: "Liberdade" é um dos valores humanos fundamentais, para que exista é necessário garantir: direito à vida, saúde, educação, segurança, igualdade de condições, respeito e trabalho, como prevê a Constituição Federal que, na prática e ainda hoje, são instáveis.

No Brasil Colonial, a exploração extrativista do Pau Brasil escravizou os nativos e quando Portugal decidiu investir na cultura da Cana de Açúcar, o primeiro "agronegócio rentável" da colônia, passou a usar mão de obra escrava. Antes, ainda em 1553, havia chegado à Bahia o primeiro navio com escravizados e mais tarde, a descoberta do ouro nas Minas Gerais, deslocou a ocupação do litoral para o centro do território e a vinda de mais escravos. A cobiça do ouro motiva o anseio por "liberdade" a aguça os olhos dos exploradores das minas que, logo começaram a se mobilizar para conquistar a independência, mas os escravos... Continuaram na mesma, pois o regime imperial não mudou.

Muitas pessoas vieram ou foram trazidas ao Brasil, por vontade própria ou imprópria. Nesse quesito de "vontade imprópria" vamos encontrar aquelas que foram condenadas cujas penas eram cumpridas aqui; outras foram abduzidas de suas nações, principalmente da África, trazidas à força e escravizadas, obrigadas a habitar esse território contra sua vontade. O escravagismo, como sistema, é uma mancha histórica antiga e praticada desde os primeiros tempos da humanidade. Em geral guerreiros derrotados em combates, pessoas com débitos aos senhores podiam ser escravizadas ou entregar alguém em garantia para pagar ou cobrir suas dívidas por meio do trabalho.

Isto não significa que "tradição" justifica "agressão", no entanto, o agravante que diferencia a escravatura "tradicional" e a que foi desenvolvida pela expansão colonialista europeia é baseada na captura de seres humanos para serem escravizados e pior, convertidos em mercadoria. Este processo se desenvolveu como um "negócio" até o momento em que passou a ser condenado por muitas nações, a partir daí se tornou ilegal, mas não cessou, apenas se transformou em tráfico. Comunidades inteiras eram capturadas e sequestradas, submetidas a maus tratos, humilhações e vendidas às nações emergentes como escravas.

Uma das primeiras nações a criticar e combater a escravatura e o tráfico de escravos foi a própria Inglaterra. Altruísta não? Nem tanto!

Em 25 de março de 1807 o Parlamento Inglês aprova um ato proibindo o comércio de escravos no império britânico, no entanto, o ato pela abolição da escravatura propriamente dita só é promulgado em 1833. Em 1808 os Estados Unidos também promove a abolição. Em 1831 foi proibido o tráfico de escravos para o Brasil, embora em nenhum destes dois países a escravatura terminasse. Só em 1888 que o Brasil promulga a lei extinguindo oficialmente a escravatura.

O primeiro país a se libertar de fato da escravatura foi o Haiti, em 1804, com a revolução dos escravos que proclamou sua independência criando uma certa "ansiedade" nas potencias escravagistas...

Fatores como estes começaram a pesar e as pressões para extinção da escravatura passou a ser pauta política de vários países que a aboliram. No entanto, a Abolição não acabou com o comércio ilegal de pessoas nem com o trabalho escravo, pode-se dizer que funcionou ao contrário, instaurou o tráfico e o comércio ilegal se tornou um negócio mais lucrativo ainda.

Mesmo com a Marinha Britânica policiando os mares para impedir os navios negreiros de traficar, ainda assim, milhões de pessoas foram traficadas de seus países para outros lugares do mundo, especialmente para as américas, dentro deles, o Brasil. Este breve relato dá uma noção de qual tipo de escravagismo se enfrentou no mundo. Oficialmente até o século XIX e extra oficialmente, até hoje. A população que mais sofreu com isto foi, sem dúvida alguma, a negra. Os negros extirpados de suas origens foram obrigados a tentar reconstruir suas vidas e identidades em novas realidades e circunstâncias, novas terras, novos costumes, submetidos à dor e humilhação.

A "Abolição" só os livrou do jugo do poder sem, no entanto, proporcionar qualquer reparo ou compensação, muito menos direitos. Libertos ou "jogados" à própria sorte não tiveram qualquer oportunidade de reagir e estruturar-se. Pior ainda, esta "herança" além de não ser apagada criou outros males como o preconceito e o racismo. O preconceito remonta à condição subalterna do escravo, uma classe sem direitos e o racismo associa sua aparência física, cujo fenótipo genético, difere do dominador e denuncia sua condição anterior, assim surge o "preconceito" e também a segregação, maldosa, chamada de Raça e sua consequência o Racismo Explícito ou Estrutural.

Em nenhum momento os negros tiveram sua condição humana respeitada no processo abolicionista. Subliminarmente são identificados como de ex-escravos e isto leva a duas formas de punição histórica extremamente contraditórias: a primeira é impossibilidade de repatriamento, pois não são refugiados e sim traficados, a segunda é que, depois de terem sido submetidos a trabalhos forçados e todo tipo de infortúnio, humilhação e maus tratos, foram "dispensados" de tais sinas e lançados à deriva sem qualquer compensação ou redenção por parte de quem lhes impôs tais punições. Até hoje tais "heranças" permeiam sua condição social precária.

As nações e as classes dominantes que delas se beneficiaram não reconheceram em nenhum momento a dívida social e humana que tem para com eles. Portanto, ainda são discriminados e explorados. O que se fez até hoje foi muito pouco em relação aos danos causados. Poucas vezes são reconhecidos historicamente como força de trabalho e de desenvolvimento para a construção de nações, inclusive a brasileira. Reconhecer isto não ameniza os danos mas eleva a auto estima e o respeito. Esta ferida social, genética e econômica atinge os negros, os nativos indígenas e as minorias sociais.



Coleta de algumas fotografias do século XIX mostrando pessoas escravizadas e em diferentes situações. Acima à esquerda retratos de "Amas de Leite", à direita retratos feitos por volta de 1870 pelo fotógrafo de origem germânica Alberto Henschel (1827-1882), em Pernambuco.



A história ainda se repete: "Todos Negros", como ficou conhecida esta fotografia de autoria do fotojornalista carioca Luiz Morier. Mostra uma blitz policial na estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Todos os homens, negros, estão amarrados pelo pescoço, numa cena que remete diretamente aos tempos da escravidão no País, 94 anos após a conclusão de um longo e penoso processo que levou à abolição da escravatura, em 1888.



Imagem do livro 'Os fuzis e as flechas', de Rubens Valente, lembram também a violência contra as populações indígenas.

O desenvolvimento da colônia portuguesa e depois da República, sempre dependeu da força de trabalho negra, mestiça e indígena, embora "apagadas" da história. Basta lembrar que sem elas não teríamos independência, nem condições de promover a construção e defesa militar ou civil, a carpintaria ou marcenaria e muito menos a mineração tão conveniente à produção das riquezas coloniais. As obras dos artistas europeus que relatam as condições do assédio e exploração escravocrata do trabalho negro é imensa e ignora que boa parte dos artistas atuantes no Brasil, neste mesmo período, eram também negros.

Nas Minas Gerais, as obras mais importantes e comemoradas pela história e pelo patrimônio cultural são de artistas negros. Desde o período colonial, as Obras de Arte, Edificações urbanas ou rurais, estradas, e todos os demais processos de construção e mão de obra especializada em regiões como Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio de Janeiro, Espirito Santo, em São Paulo e demais estados dependeram dos negros. Sem falar nas demais contribuições relativas à cultura como a música, dança, religião, culinária e outras atividades profissionais e de serviços. Como se vê, é fácil apagar um povo da história, é só não registrar, não disseminar, não difundir, não informar.

A presença negra não está apenas nas obras de Arte produzidas por alguns artistas que aqui estiveram no período colonial e relataram o que viam. Talvez com uma certa ingenuidade ou com a indiferença típica dos colonizadores que olham o outro com indiferença, mas são registros visuais. De um modo ou de outro estas obras testemunham a presença destas pessoas nesse território naquele tempo e sua permanência e importância na cultura nacional daqueles que foram trazidos para cá sem direitos e os afrodescendentes que, às duras penas, continuam lutando pela libertação desta herança deletéria que nenhuma proclamação resolveu, nem da Abolição nem da República.

Trago para fechar este texto, uma compilação de nomes de artistas negros do período colonial brasileiro para reforçar sua presença neste contexto que não são só "imagens retratadas", mas provas de trabalho, participação e envolvimento no contexto econômico e cultural. Como disse, a dívida que as nações escravagistas têm com as populações das quais se apropriaram para "crescer, desenvolver e enriquecer" ainda não foi paga e cresce a cada dia enquanto o descaso permaneça. As populações negras e indígenas constituem o lado mais frágil desta sociedade que mesmo mal assistida, ainda paga as dívidas sociais que não contraíram...

Esta compilação é do livro "Arte Africana: altos e baixos de um conceito", um dos pesquisadores do Museu Afro Brasil que indica artistas negros do período barroco e além. No período pre-acadêmico, por exemplo, entre os ancestrais negros da arte brasileira, havia artistas como Manuel Ferreira Jácome (1677-1736) o ex-escravo Manuel da Cunha (1737-1809) que, com sua pintura, comprou sua liberdade; outros bem conhecidos como Leandro Joaquim (c.1738- c.1798); José Theófilo de Jesus (1758 – 1847); José Patrício da Silva Manso (c. 1753 - 1801)10; Francisco das Chagas, o Cabra; Silvestre de Almeida Lopes (17??-18??);

Raimundo da Costa e Silva (Rio de Janeiro, 17??-18??); o conhecido Mestre Valentim (1745 - 1813); Veríssimo de Freitas (1758-1806); Frei Jesuíno do Monte Carmelo (1764 –1819); Jesuíno Francisco de Paula Gusmão (1764-1819); Francisco Amaral (17?? – 1830); o grande pintor Francisco da Costa Ataíde (1762-1830), o Mestre Ataíde e Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1730 - 1814), além de seus discípulos escravos, a exemplo de Agostinho, o angola, e o entalhador africano de nome Maurício entre outros não citados.

Continua: Abdias do Nascimento nos lembra dos nomes do escravo Sebastião (séc. XVIII), do pintor sergipano radicado na Bahia Oséias dos Santos (1865-1949) professor da "Escola Normal da Bahia" por 38 anos, dos cariocas Martinho Pereira e João Manso Pereira; além dos artistas que, seja pelo talento, seja por sua insistência atuaram e deixaram suas marcas mesmo no período elitista acadêmico, ademais muito menos elitista e racista do que a academia de hoje. Figuras de destaque como Manuel Dias de Oliveira (1764/7-1837), relatado como de origem negra (ARAUJO, E., 2010, p.36), sendo o primeiro professor público de desenho do Brasil e o primeiro a ministrar o ensino do nu dando aulas em sua própria casa no Rio de Janeiro.

O artista foi afastado do magistério por decreto de Pedro I, em 15 de outubro de 1822, fundando um colégio para meninos sete anos antes de falecer (ARAUJO, E., 2010, p.37); temos ainda outros nomes de artistas negros como Vitoriano dos Anjos Figueiroa (1765-1871); Antônio Joaquim Franco Velasco (1780 – 1883); Joaquim José da Natividade (finais do séc. XVIII); Bento Sabino dos Reis (17?? - 1843); Domingos Pereira Baião (1825-1871)", entre outros nomes citados por: SILVA, R.A. Arte Afro-Brasileira: altos e baixos de um conceito. São Paulo: Ferreavox, 2016.

A presença negra no Brasil é altamente valorosa. Não se pode ignorar que honraram com o seu trabalho as mais diferentes tarefas que lhes eram propostas ou impostas, resultando também daí uma das mais preciosas criações artísticas como, por exemplo, o Barroco Colonial Brasileiro. Muitos destes artistas não eram brancos, não vieram em missões de reconhecimento, nem na Missão Artística Francesa, foram arrancados de suas nações, de sua história, de seus antepassados e ajudaram a construir este país.

Algumas ações afirmativas, inclusivas e pretensamente reparadoras como, por exemplo, cotas educacionais para afrodescendentes, apenas minimizam, mas não compensam os danos causados por séculos de políticas discriminatórias.

A maior questão é reconhecer o mal causado e lutar para eliminar os preconceitos e ações contra esta etnia, mesmo fazendo tudo que for necessário e possível para corrigir os danos do passado, esta mancha é um alerta e não deve nem será apagada da história.